

# O Seculo Comico

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

# MARROCOS



— Viva a Espanha! —



## PALESTRA AMENA

## A revolução

As últimas notícias, de fonte autorizada, dizem que já não haverá a revolução que era esperada por estes dias; a peça chegou a entrar em ensaios de apuro, os artistas sabiam perfeitamente os papéis, os empregados tinham gasto grossas quantias, mas afinal não se realizou a recita. Porque, se até a hora já estava marcada, se tinha sido dado aviso aos bombeiros e às autoridades, se o cartaz já tinha o competente «visto», se todas as formalidades tinham sido preenchidas?

N'isto de revoluções como em teatros, nada se pode responder com precisão; mas ás vezes acerta-se e não andará talvez longe da verdade quem, com respeito á d'agora, disser que a culpa da contra-ordem foi... da bilheteira. A boa vontade de autores, actores, empregados, etc., era manifesta; mas falhou o publico. Este não comprou um unico bilhete. Farto de espectaculos semelhantes, ludibriado por vistosos reclamos, percebendo que, depois da recita, nada ganhou antes perdeu o tempo e o seu rico dinheirinho, esteve-se plebeiramente nas tintas para todos, isto é, não se deixou ir no embrulho, pelo

que os que estavam apostos recolheram prudentemente a basfidores—e com isso só tiveram proveito.

E aos que por ventura a estas horas estejam arrependidos de não terem tentado a aventura, diremos que a coisa ainda peor do que a abstenção do publico em concorrer ao espectáculo—é o assistir, patear e indignar-se com a representação, a ponto de partir as cadeiras, saltar ao palco e correr tudo a pau. Já se tem visto.

Ora, foi talvez esta demasia o que se evitou e com isso não temos senão que felicitar-nos todos, publico, empregados, artistas e mais pessoal contratado. Deste genero teatral, o tragi-comico, tem-se abusado muito ultimamente, e se a parte comica é tolerada e tem sempre quem a aprecie, a parte tragica não se grama senão de tempos a tempos—uma vez na vida—e mesmo assim é necessario que seja de autor de grande talento e representada por artistas de muito valor.

Metam a mão na consciencia: temos cá d'uns ou d'outros, em abundancia? Ha oportunidade? Não: logo, viola no sacco é o que ha a fazer.

J. Neutral.

## Tem a palavra o boi

A proposito de virmos a ter toureadas á espanhola tem sido ouvidos pelos reporteres os defensores dos dois principios contrarios—o chifre embolado e o chifre ao natural—mas, que nos conste, ainda não foi consultado o principal interessado, que é, sem contestação o boi, vulg. touro.

Pois é a esse que mandámos entre-



vistar, prestando-se sua ex.<sup>a</sup> amavelmente a revelar as suas impressões, a fim de as transmittirmos aos leitores.

—V. ex.<sup>a</sup>, começou o nosso reporter, tem lido os jornais, na parte referente aos touros de morte?

O animal mostrou-se admiradissimo e declarou:

—Eu não leio senão o «Seculo Comico», que é o unico periodico desopilante do paiz. E como este não tem tratado do caso...

—Pois vai tratar agora, precisamente. Qual é a opinião de v. ex.<sup>a</sup> sobre o assunto?

—Eu lhe digo. Eu, se quer que lhe fale com a franqueza a que estamos habituados nas lezírias, sou pelas toureadas de morte.

—Como?! pois está disposto a fazer o sacrificio da vida, para entreter as multidões?!

O boi sorriu e observou.

—Distingamos. Eu disse-lhe que era pelas toureadas de morte, mas d'ái a concluir-se que aprovo que me matem ou a qualquer dos meus semelhantes, vai um abismo.

—Não comprehendemos...

—Toureadas de morte, sim, mas sem se matar o boi.

—Cada vez comprehendemos menos...

—O' homem! Eu sou a favor das toureadas em que se matem os lidadores!

—Hein?!

—Admira-se? Vocês acham naturalissimo que se atravesse com uma espada o coração d'um animal, que estava muito bem socegado em sua casa, com sua mulher e seus filhos, e a quem foram buscar para picar e fazer toda a especie de barbaridades; e acham estranho que esse animal deseje a morte de quem tal praticou! Pois quem fór verdadeiramente imparcial não pode pensar de maneira diferente.

—O espectáculo assim perderia toda a beleza.

—Para vocês! Creia que um homem com uns poucos de pares de ban tarrilhos no cachaço, seria, pelo menos para o boi, muito mais interessante do que um cornupesto—como você nos chamam—com iguais enfeites!

—Então?...

—Então, vá-se com esta: quando estiver demonstrado que o touro é mais bruto do que o homem, é possível que a minha opinião seja outra; por enquanto porém, estou «fixe» no que lhe disse, porque o que é certo é que, pelo modo como o homem se porta para comnosco, é muito mais besta do que nós.

## Ai! seu kaiser!

Esta coisa d'uma pessoa nascer filho de reis é uma espiga de todos os diabos—porque, seja qual fór a vocação que tenha, é obrigado a trocá-la.

Assim, sabem os senhores qual era a vocação do nosso particular amigo Guilherme II. que fingia durante muito tempo de homem de guerra? Jardineiro.



ro, nem mais nem menos. Agora, que pode satisfazer as naturais necessidades do seu espirito, passa os dias nos jardins do exilio, cultivando rosas, com todo o esmero.

«Cherchez le naturel, il revient au galop»—dizem os francezes, ou, como traduziriam certos cavalheiros que nós conhecemos, «expulsa o natural ele revem ao galope...»

## Torre de Chifre

aos americanos

Sando os bravos marinheiros  
Lá da America do Norte  
Que vieram por nossa sorte  
Ser os nossos companheiros

Lindos barcos e vapores  
Estiveram ai no Tejo!  
Formavam famoso cortejo  
Bem digno dos nossos louvores!

Dêmos-lhes o nosso coração  
Que mais não podiamos dar  
Eles o levam pelo mar,  
Levam a nossa afeição.

Sua bandeira estrelada  
Reflectida na bacía  
Não sei o que me parecia  
Toda de seda dourada!

Oxalá que voltem breve  
Portugal a visitar;  
Todos somos heroes do mar,  
A gloria aos dois se deve!

ALFREDO T. BASTOS



## TEATRADAS

## Carta do Jerolmo

Crida Zefa dum anjo

Lanço mais uma vez mão da pena pra te dezer c'ra minha ó fazer desta é v'oa grassas a Deus pra sempre i que istimo que estas duas rregras te v'ã incuntrar com çand' i mal a uvigação. Agora cauto a triatos u grande çuccesso é «Os cedutores» que ce cantaram — ai, esculpa! — arreperaintaram uma noite de estas in sam Calros cuja aquela é uma pessa munto ó calhar cá prá velhada porque é ovelho Albuquerque terribil que faz andar a cabessa ó redol a toudas as caxopas verbi in gracia: á Cunstansa Narrava i á Amelinha Culassa. Purgunta a jente; que dianhos de quindius terá u Albuquerque prás caxopas acim gostarem d'ele i porque é cu otor na u faria novo? Mas lá diz a Amelinha que é pur elle cer um ome çuprior i de munto talento i vai daim cumo n'v'n diz nada que amostre u dito talento antes pelo cuntraio já ce çabe que nan pode dechar de cer conforme arriba ta digo u Albuquerque terribil que foi vise-rei da india. Ora bem — a Amelinha é filha du Robles que tamem foi um grande cunquistador nus cens tempos i ainda agora arrebita as urelhas cando calha passar ó pé duma caxopa v'oa i é ó mesmo tempo filha duma sinhora munto pouco ceria que murren felizmente in antes de cumessar a pessa cenão tinha-



mos de tamem le grammar as xuradeiras U Robles é munto istérico i lá de vez in cando tem bisões i vé a mãi da filha na cara da filha da mãi i tem um medo ó mel diabos ca filha saia á mãi. E é que çai, cus dianhos! O Albuquerque disle duas tretas, cum u tal talento, numa language munto catita cumo ce acostuma usar cando se quer çaduzir uma custureira i ela cai logo i inté fica graveada, tadinha. Pois sim: mas a Cunstansa que estava pedida in casamento pello Albuquerque á um rôr d'anos, dénes que elle foi prá india? Intão resolvem toudos ir in outubro pró Buçacc: Albuquerque, Robles, Amelinha, Cuns'ansa i Maria Judeco, que é a mãi da Cunstansa. Ali é que ção elas! A Amelinha çabe cu Albuquerque pediu a Cunstansa i quer atrair-ce da baranda a bacho, a Cunstansa, que istá mémo na ispinha olve a cuversa entre u Albuquerque i a Amelinha, caquilo berraram tanto que inté ce oiviu no luso-



canto mais ali a dois paços; u Robles çonha cu a sua filha i bumba zás tráz nu caneco acaba u ato sim atar sim dasatar mas lá vem o tersero in ca Maria Judeco vem dezer ca filha já está v'oa munto uvrigado i que fundou nu asilo prás criaças proves i vai bota esta piada, pouco mais ó menos: — «Nos dias çubsequents nan fez çenão verter largulimas inseçantes!» Pois sim, mas paçados us dias çubsequents nan verteu mais i u Albuquerque vince livre d'aturar aquela carga des oços i intão arresolvece defenetivamente — i já nan é cem tempo, porque era 1 hora da noite cando ce arresolve a casar cum a Amelinha «que é u pecado i incanto ca Cunstansa era a virtude» diz ele á Amelinha, que nan le deu logo duas bufetadas porque é mais bem inducado ca ela.

Agora u melhor da pessa nan é nada d'isto: — u melhor é u sr. Luiz cujo este tem um amigo i um ção predigneiro de munta istimasão i que é tondo pão pão quejo quejo i fasso indéa cum a franqueza que ele tem u que terá dito ó otor ós pois du pano dezer mas u melhor é nan falmos in coisas tristes i esprar pur oitra pessa du mémo otor que é rapaz de abelidade i que nan deve desanimar — tamem o Carpenté é um valente i apanhou pró ceu tabaco. Prá oitra vez sará. E cum isto nan te infado mais arresebe çoidosos abrasos i dá çoidades minhas a quem pur mim prégnutar que eu prá cemana u mais tradar ai istou a paçar us dois mezes du çuestume que já tauho muntas çoidades dos noços bacros da noça brón das noças órtalicas da noça anjo i ede setra teu inté cando Deus noço sinhor for cervido.

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama de PerasRulvas

## EM FOCO

## Dempsey

3ª pena separar-nos o Oceano,  
Não viver aqui perto, a quatro passos.  
Para saber na força destes braços  
Quanto vale um atleta lusitano.

Bastava qu' eu lhe desse um só banano  
Para o fazer voar p' los espaços,  
Cair depois em trinta mil pedaços  
Que só se aproveitavam no guano.

Nem tanto era preciso, meu menino;  
Se você cometer o desacerto  
De vir a Portugal fazer-se fino

O achamento é certo e mais que certo:  
Arremesso-lhe um verso alexandrino  
Que o deixa, coitadinho, sem concerto!

BELMIRO

## Francês-português

## Aos traductores

De vez em quando pomos á prova os literatos, conhecedores do português e do francês, publicando versos nesta lingua para eles traduzirem para a nossa. Que a ideia agrada, provam-no os numerosos versões que recebemos — e agora, como nas estancias de veraneio é difficil passar o tempo distraidamente, ai vai para os curiosos mais uma poesia, da revista teatral «Paris qui marche». Os tradutores podem mandar-nos os seus trabalhos até fins de Outubro. Três meses devem chegar para fazerem coisa de geito... Ela ai vai:

Si Roméo flirtait maint'nant  
Avec Juliette

Juliette serait assurément  
Bien moins bête!

Elle trouverait extrê'ment banal  
L'ancien système,

Et n'prendrai: l'air virginal  
Pour dir: Je t'aime!

Elle s'écrierait: Mon gros lapin,  
Puisque tu m'gobes...  
Paye-moi tout de suite un bel écriin  
Et d'joli's robes!

Pendant qu'on entendrait le chant  
De l'olouette

Voilà c'qu'à Roméo maint'nant  
Dirait Juliette!

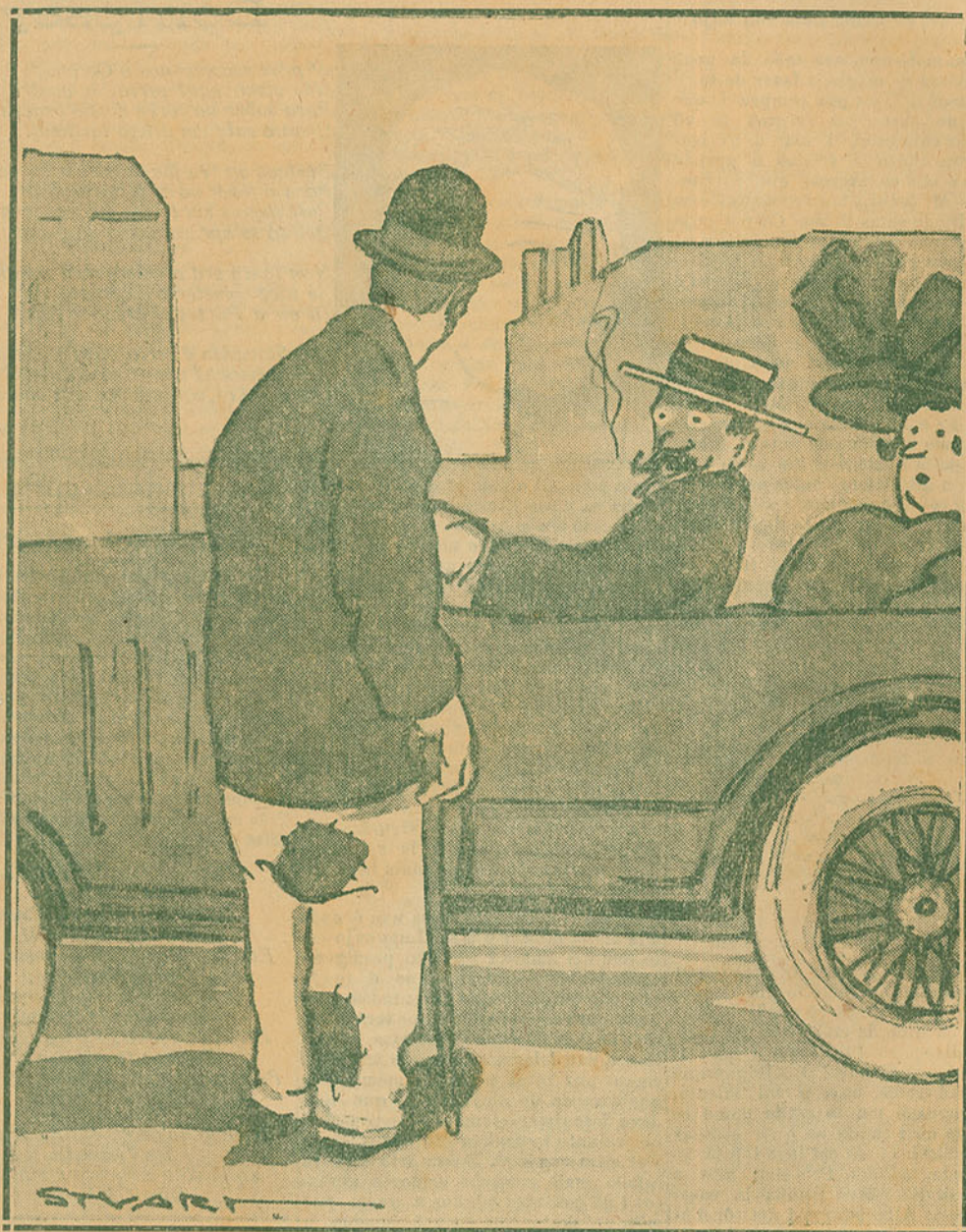
## Correspondência

AMELIA G. — Ai vai uma das suas quadras, mas não abuse:

O teu cabelo d'aneis  
Lembra-me o resplendor  
Pintado nos painéis  
De Deus Nosso Senhor.

Lindol

Dollars! dollars! dollars! dollars! dollars!



— Tu de automovle ó Chico?

— E' cumo canta. A minha senhora é que forneceu os ovos ós americanos...